

RESENHA - POR RONALD AUGUSTO*

O ESTILO DA REVANCHE

Poeta analisa o livro 'E Se Alguém o Pano', de Eliane Marques, obra vencedora do Açorianos de Poema

Ainda que seja excessivo dizê-lo a resenha não abarca todas as dimensões de "E Se Alguém o Pano"; lacunas são constitutivas de qualquer leitura. Portanto, outras explorações a propósito da poética de Eliane Marques podem e devem ser levadas até as últimas consequências por parte do leitor. E é justamente em respeito à sua liberdade de interpretação e ao espaço que se deve dispor em uma resenha para dizer algo sobre o livro que seja mais do que protocolar elogio, que tentarei sugerir o suficiente ao seu apetite com a convicção de que esse mesmo leitor cumprirá sua parte no jogo estético colaborativo.

De imediato é preciso afirmar que "E Se Alguém o Pano" enfeixa poemas reveladores de uma personalidade criativa que não pretende ficar presa à subalternidade. Há aqui o desejo de desbordar moldes e modelos. Começo por essa afirmação pelo fato de Eliane ser uma poeta que, ao mesmo tempo em que se deixa apreender como negra, não perde de vista que esse dado não é substancial para a fruição de sua obra de estreita, contudo isso não significa que a condição de escritora negra seja irrelevante, significa apenas que é secundária no que diz respeito às determinações inerentes ao discurso poético. Entretanto, a recusa à subalternidade, referida linhas acima, assinalável na poesia de Eliane Marques, é a materialização estética – uma das muitas estratégias, pode-se dizer – daquilo que o poeta Arnaldo Xavier chamou de "manual de sobrevivência do negro no Brasil". O salto criativo por sobre a fenomenologia da resignação tendo como pano de fundo o preconceito naturalizado.

Os poemas de "E Se alguém o Pano" almejam àquela condição de cacto, de coisa áspera e intratável, e servem à maravilha como transposições verbais da célebre metáfora de Manuel Bandeira. Eliane sabe muito bem que seus poemas devem ser três vezes melhores do que qualquer poema branco escrito por seus iguais desiguais que não se ressentem de sua branquitude. Essa, por enquanto, é a regra do jogo. Do contrário restaria resignar-se murmurando a máxima de que o "importante é fazer parte do coletivo", assumindo o posto menos visível, menos proeminente. Enfim, os poemas de Eliane Marques são ambiciosos. Em seus poemas há entre outras coisas: variedade de ritmos, palavras-montagem, étimos de extração de poéticas panafricanas, coragem de usar uma dicção antinaturalista, um movimento contrário à brevidade enquanto padrão médio, o aproveitamento da música da prosa, o entendimento de que o ritmo se conquista pela reiteração de elementos materiais da linguagem. E, algo que considero fundamental em qualquer artista: Eliane dissimula uma raiva contida, bem aplicada, isto é, um tipo de disposição textual capaz de conferir à forma um enviesamento mais cortante, impiedoso: o estilo da revanche.

Ossuda alta a cabeça guirlan-da.

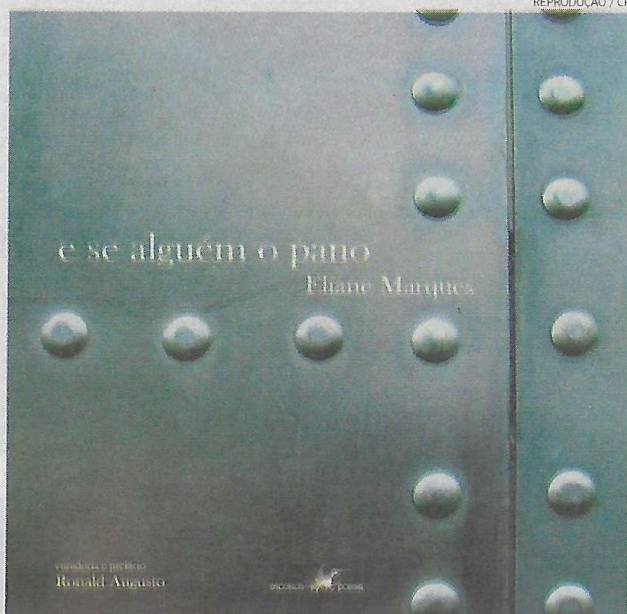
A boca um pote de terra.

Ainda com anjos maometanos e outras bobagens.

Atrevida. Desconhece dinheiro.

Pelo nome "justina" que talvez ainda atenda.

Além disso, sua linguagem incorpora o aproveitamento de registros históricos, recriações e/ou paráfrases de relatos, notícias, anúncios ao modo "pede-se publicar...". "E Se Alguém o Pano" resulta mestiço devido aos discursos combinados, pois, a par desses ecos de documentos de verdades contingentes, seu escopo discursivo revela irrupções analógicas, metáforas, cortes metonímicos e mudanças de



'E Se Alguém o Pano', de Eliane Marques, foi lançado pela Escola de Poesia no fim de 2015

tom, fazendo o imagético e o sintático se projetarem sobre o mero relato de uma vida estilizada, espécie de vida-sinédoto de personae negras hesitantes entre a fuga e o enfrentamento ao racismo e aos afetos que lhe são perversamente correlatos. Mas a hibridez dos poemas e, de resto, do conjunto, está dentro do controle. Eliane lança para um nível mais complexo a ideia consagrada de que as tradições das diásporas africanas se resolvem em sincretismo edulcorado, seus poemas mostram o quanto de dor e de interdições se pode vislumbrar sob essa mescla cultural. Cada poema se integra a um vasto ideograma de memórias particulares no centro desse processo diaspórico.

Eliane Marques enfrenta com sucesso o ruído da redundância, aliás, seus experimentos tendo em vista esse quesito comportam um mérito: o risco da deriva dos sentidos exige ao leitor uma atenção estritamente colaborativa e serve de convite à fruição de outro modelo de sensibilidade. Na redundância está implicada, em certa medida, um

fracasso de comunicação, mas a intencionalidade com que a poeta dispõe de anáforas e de reiterações instaura um lance de estranhamento na leitura. Aqui está em jogo um desvio da norma, o leitor-fruidor fica sem uma referência estável para a decodificação. Muitos poemas de "E Se Alguém o Pano" se ordenam em torno de uma colisão de elementos do discurso, acentuam as tensões de forma-fundo do poema e propõem ao leitor uma sempre desordem de recepção. O aparente enigma é uma porta que se abre ao desejo de linguagem e de significação do fruidor-leitor, a par de um desejo de forma significativa. O resultado é extremamente válido no sentido em que favorece a ultrapassagem dos limites da convenção poética tradicional ou disso que parece ser o "poeticamente correto" dos nossos dias. Cada poema dá prosseguimento à tensão entre o linear (o narrativo) e a ruptura (o corte telegráfico). A prosa começa a ceder a vez ao verso, ou a um simulacro de verso, no sentido em que o poema feito hoje deve ser também

crítico e investigativo em relação à crise do ou de verso na tradição contemporânea.

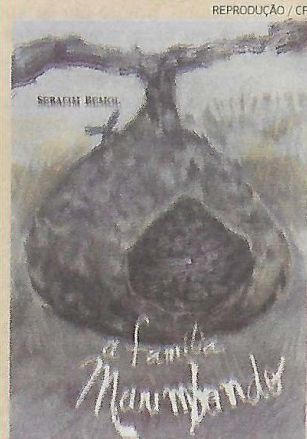
Ainda a propósito da boa interação com a "linha da prosa" que se pode observar em "E Se Alguém o Pano", cumpre anotar que a poeta projeta o seu verso livre com aquele largo andamento original (que evoca tanto Whitman, quanto Pound), mas que também é demorado e feito de insinuantes interrupções. A cadência se transfigura em imagens e metáforas elípticas, tão eficientes quanto ágeis. Alguns cortes, quebrando enunciados e compondo uma narrativa por justaposição, alcançam dar mais verso à linha, mais música (sintaxe pura) ao entrecho, e com isso o livro de Eliane Marques toca a margem, a linha de fronteira da hibridez entre o poema e a prosa. Algo do canto, algo do conto.

Por fim, pode-se notar em quase todos os poemas de "E Se Alguém o Pano" a mobilização de uma série de analogias fônicas. Por exemplo, efeitos aliterantes como "pregação-prêmios-prémolares", "descasque-quinaria-cântaros"; reiterações fortemente musicais como "o pan pan pan dos martelos", "até que o tric tric dos cascos..."; em outras palavras, tudo isso indica trabalho lúcido e desanuviado sobre a linguagem, cujo resultado induz o leitor a perceber tais equações verbais e quando não as percebe faz com que seja seduzido por elas. Essa é uma das maneiras mais eficientes de conferir relevância ao trabalho com a função estética da linguagem: oferecer essas informações (que geram outros modelos de sensibilidade) ao leitor-ouvinte sem que ele necessariamente esteja consciente delas. Desse modo, "E Se Alguém o Pano" enfeixa um conjunto de poemas que vão interessar tanto ao especialista, quanto ao leitor em geral interessado em poesia. E isso não é coisa simples. Poucos poetas lo-gram tal resultado, ainda mais em se tratando de um percurso poético que recém se inicia.

*Poeta, músico, letrista e ensaísta

FECHAMENTO DE LIVRARIA

FESTIVAL PALAVRARIA - O Festival Palavraria, que celebra os últimos momentos da livraria da rua Vasco da Gama, 165, desde a última segunda, 12, tem atividades ainda de hoje até a próxima quinta, 22. Neste sábado, às 10h30min, a jornalista cultural Cláudia Laitano comenta e lê trechos da obra Marcel Proust. As 15h30min, ocorre o minicurso "Método para Criar Distopias", com Alexandre Rodrigues. As 17h30min, será realizado um encontro com Reginaldo Pujol Filho, Moema Vilela e Samir Machado de Machado e mediação de Alexandre Lucchese. Amanhã, às 19h, haverá edição especial do Sarau Eletrônico, com Kátia Suman, Diego Grando e Luis Augusto Fischer, tendo como convidado o escritor Paulo Scott (de O Ano em que Vivi da Literatura) e canja musical de Nelson Coelho de Castro. Na segunda, 19, 18h30min, a primeira atividade será "Porto Alegre do Não", uma conversa com os escritores Cintia Moscovitch, Christina Dias e Luiz Paulo Faccioli. As 20h, o escritor, poeta e cronista Fabrício Carpinejar dá o seu depoimento em "Meu Amor Incondicional pelos Livros". Na terça-feira, dia 20, "Crânios Explosivos", o legado de David Foster Wallace, o escritor Daniel Galera trata da obra do autor de "Graça Infinita" e "Breves Entrevistas com Homens Hediondos". Na quarta-feira, dia 21, às 17h, o escritor mineiro radicado em São Paulo, Luiz Rufato trata do seu mais recente livro em "Inferno Provisório: 20 Anos em Processo". Na quinta, 22, às 19h, o misterioso escritor Jerome David Salinger, autor de "O Apanhador no Campo de Centeio" será dissecado por Luís Augusto Fischer em "Precisamos falar de Salinger". Na quinta, 22, às 21h, ocorre festa no Ocidente. Mais pelo www.facebook.com/events/1787219034893176/permalink/1787822194832860.



RARIDADE

LIVRO INÉDITO DE SIMÕES LOPES NETO - Um texto inédito sem qualquer referência na historiografia da obra de João Simões Lopes Neto foi resgatado e transformado em livro, que será lançado nesta segunda-feira, 19h, no Instituto João Simões Lopes Neto, em Pelotas, marcando o encerramento das atividades referentes ao Biênio Simoniano. É mais um documento recuperado de Simões justo no período em que se comemora o biênio 2015-2016, os 150 anos de nascimento e o centenário da morte do autor, eternizado por obras como "Contos Gauchescos" e "Lendas do Sul". Com 64 páginas e edição de luxo, o livro "A Família Marimbondo", contém textos de apresentação de Aldyr Garcia Schlee, especialista na obra simoneana e do jornalista Klécio Santos. Foi por acaso que ao revirar o acervo de jornais da Biblioteca Pública Pelotense que o pesquisador A. F. Monquélet, o mesmo que em 1992 descobriu o único exemplar conhecido de "A Divina Pastora", de Calde e Fião, encontrou mais um escrito perdido, publicado no jornal Correio Mercantil, em 1900. "A Família Marimbondo" é um texto urbano assinado com o pseudônimo Serafim Bemol, o mesmo com que o escritor grafou sua extensa dramaturgia, iniciada com a revista musical O Boato. A época, Simões experimentava fama como dramaturgo. Seu sucesso era a ópera "Os Bacharelis", escrita em 1896, em parceria com José Gomes Mendes, levada à cena inúmeras vezes por artistas amadores. Schlee e Klécio são responsáveis pela coordenação editorial do projeto, cujos textos dissecam a obra e a narrativa do escritor, bem como revelam seu envolvimento com a dramaturgia local. O texto descoberto por Monquélet é reproduzido com a grafia original, sob o selo de edição da Frutos do Paiz, criado por Schlee.